

O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações

■ LEONOR ROCHA* ■

RESUMO O conjunto megalítico do Monte da Tera, foi identificado em 1996, no decurso de prospecções de carácter selectivo. Os trabalhos subsequentes viriam a revelar a existência de um alinhamento (Sector 1) e de uma necrópole (Sector 2), a cerca de 100m do primeiro. Os materiais recolhidos apontam para uma cronologia genericamente enquadrável dentro da I Idade do Ferro (séc. VII - V a.C.).

A relação cronológica (anterioridade ou contemporaneidade) entre os menires e a necrópole não se encontra, até ao momento, cabalmente estabelecida, embora, por várias razões seja de supor uma efectiva contemporaneidade.

ABSTRACT The megalithic group of Monte da Tera was identified in 1996, during surveys of a selective nature. Subsequent fieldwork came to reveal the existence of an alignment (Sector 1) and a necropolis (Sector 2), around 100m from Sector 1. The material collected point to a chronology generally within the Iron Age I period (7th-5th century B.C). The chronological relationship between the menhirs and the necropolis (whether they are sequential or contemporary) cannot be firmly established. Thus, for the moment and for various reasons we must suppose an effective contemporaneity.

1 - Localização geográfica

A localização geográfica do sítio corresponde às coordenadas 1.º 9' 32" W e 38º 53' 26" N (Sector 1) e 1º 9' 40" W e 38º 53' 32" N (Sector 2) referentes à Folha 409 Pavia (Mora), na escala 1: 25 000. Administrativamente, a Herdade do Monte da Tera situa-se na freguesia de Pavia, concelho de Mora, distrito de Évora e o acesso faz-se a partir da estrada que liga Pavia a Avis, cerca do km 41, por um caminho de terra batida que conduz ao monte.

A jazida implanta-se numa lomba aplanada que se desenvolve paralelamente à Ribeira de Tera (a cerca de 550 m) e que constitui a principal linha natural de trânsito que conduz ao único povoado sidérico conhecido na região.

Este *habitat*, identificado por Manuel Calado, implanta-se, por sua vez, na margem direita da Ribeira de Tera, numa área sem condições naturais de defesa, onde se destacam grandes afloramentos graníticos, nas imediações do Monte da Herdade, a cerca de 1,5 km da necrópole.

2 - Objectivos

O conjunto megalítico do Monte da Tera, foi identificado, em 1996, pela signatária e por Manuel Calado, no decurso de prospecções de carácter selectivo. A existência de cinco monólitos, à superfície, todos tombados para Sul e dispostos em linha recta, levou-nos de

imediatamente a classificá-lo como um alinhamento, supostamente pré-histórico, apesar de não se conhecerem quaisquer paralelos bem definidos, na Península Ibérica.

O nosso objectivo ao iniciar a escavação era confirmar a existência de um alinhamento (Sector 1) e, posteriormente tentar compreender a sua relação com os outros menires (Sector 2) existentes, a cerca de 100 m, e dispersos no terreno de uma forma aparentemente caótica (alguns deles amontoados). As campanhas realizadas permitiram, por um lado confirmar o alinhamento de menires e o excelente estado de conservação das estruturas de implantação dos mesmos, e, por outro, identificar uma necrópole, junto ao segundo conjunto de menires, cronologicamente atribuível à I Idade do Ferro (séculos VII-V a.C.).

3 - Escavação

A. Sector 1

A escavação realizada em 1996 (Rocha, 2000) no Sector 1 revelou a existência de um alinhamento de cinco menires, cujos alvéolos estavam inseridos numa estrutura pétreia tipo “calçada”. Esta estrutura era constituída por pedras de diferentes tamanhos e composições (xisto, quartzo, quartzito e granito) e encontrava-se muito bem conservada à excepção duma pequena área (quadrados I e H 12), onde, provavelmente devido à acção da maquinaria agrícola, se apresentava menos definida. Durante os trabalhos de escavação detectaram-se mais quatro alvéolos, pelo que o alinhamento deveria ter sido constituído inicialmente por nove menires.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram muito escassos, resumindo-se a fragmentos de cerâmica de roda e manual, um fragmento de um dormente, um fragmento proximal de lamela de sílex e um fragmento de quartzohialino. A presença de materiais pré-históricos e a cronologia normalmente atribuída aos menires levou-nos a classificá-lo, inicialmente, como pré-histórico, sendo as cerâmicas de roda atribuídas a perturbações posteriores. No entanto, a continuação da escavação no Sector 2 trouxe novos elementos que nos obrigaram a rever a cronologia inicialmente proposta.

B. Sector 2

Terminada a escavação e o restauro do Sector 1, o nosso objectivo principal foi a confirmação da aparente conexão entre os dois sítios, indiciada pelo facto de os menires serem morfológicamente semelhantes e reforçada pelo facto de o segundo conjunto se localizar no prolongamento da linha formada pelo primeiro. Assim, com base na linha média dos menires do Sector 1, NW-SE (135°-315°), prolongada até à área onde jazia a maior parte dos menires do Sector 2, marcaram-se, entre os dois sectores, cinco sondagens equidistantes.

Enquanto as quatro primeiras não forneceram quaisquer dados arqueológicos, a quinta sondagem, marcada nas proximidades dos menires amontoados, revelou, logo a escassos centímetros de profundidade, a existência de uma carapaça pétreia, de tipo “empedrado” (U.E.2). Entre as pedras começaram, desde logo, a aparecer fragmentos de cerâmica de roda e manual associados a pequenos fragmentos de ossos humanos, sugerindo que se tratava de uma necrópole de incineração.

A sondagem inicialmente aberta foi alargada em fases sucessivas com o objectivo de definir os limites da estrutura. Optou-se por uma estratégia de intervenção em área, tendo,

no entanto, sido efectuada uma pequena sondagem de 1 m x 1,5 m, em que a carapaça pétreia foi desmontada com o objectivo de se obter uma noção da estratigrafia e da própria relação entre os enterramentos e a estrutura. Ao fim de três curtas campanhas de escavação abriu-se uma área de cerca de 120m² não se tendo detectado, com clareza, nenhum alvéolo nem nenhuma estrutura organizada relacionável com os enterramentos.

B.1. Os enterramentos

O Enterramento 1, foi identificado por acaso quando se procedia à remoção de alguns fragmentos de cerâmica existentes entre o empedrado (U.E.2). Trata-se de um enterramento em urnas e o ritual utilizado foi a incineração.

Neste enterramento os restos ósseos foram colocados em duas urnas e em três pequenos vasos/taças, dispostos ao lado uns dos outros. Segundo o que foi possível determinar na análise antropológica realizada pela Dr.^a Cidália Duarte (ver ponto 5), poderá tratar-se dos restos de apenas um indivíduo, disperso em vários recipientes, configurando uma prática ritual sem paralelos conhecidos nas escassas necrópoles genericamente contemporâneas conhecidas na região (Hernández Hernández, 1991).

O espólio funerário (Rocha, 2000) era constituído por:

- duas urnas de tamanho médio. Urna 1: cerâmica comum, fundo plano, muito fragmentada, mas em bom estado de conservação. Urna 2: cerâmica fina, com o bordo fragmentado no interior, de fundo em *onphalo*, aparentemente inteira.
- três vasos/taças;
- uma fíbula de bronze;
- dois objectos de ferro, aparentemente facas;
- um fragmento de alfinete de cabeça, em osso.

O mau estado de conservação das cerâmicas (em restauro) impede-nos de obter uma leitura de eventuais decorações. Também os objectos de metal, encontrados no interior das duas urnas se apresentavam muito alterados.

Em relação à estrutura deste enterramento pouco se pode dizer. De facto, se existiu uma estrutura pétreia delimitada em torno das urnas, ela foi completamente revolvida pela agricultura. Note-se que toda a estrutura pétreia se encontra, actualmente, a uma profundidade de cerca de 5 cm. Nalguns sítios as pedras afloram à superfície. Assim, apenas se pode dizer que as urnas estavam completamente embutidas nesta massa de pedras, existindo, inclusive, algumas delas dentro dos recipientes. No entanto, um dos vasos encontrava-se parcialmente abaixo da cota de base do empedrado o que indicia a existência de um covacho.

O Enterramento 2, identificado na campanha realizada já este ano, encontrava-se ao lado do Enterramento 1, mas a uma cota superior.

Apresenta um ritual funerário diferente do anterior que poderá traduzir uma diferença não só nos rituais de enterramento, como também cronológica (Almagro Gorbea, 1991: p. 163). De facto, os ossos humanos não se encontravam dentro de nenhuma urna mas, aparentemente, apenas “encaixados” em pedras colocadas ao seu redor.

A construção de pequenos *busta*, que seriam cobertos com um pequeno *tumuli* de pedras granulometricamente diferentes, como se encontra em Medellín (Almagro Gorbea, 1991), poderá explicar a presença de pequenos blocos de quartzo e quartzito em alguns locais desta estrutura.

Segundo a análise superficial realizada pela antropóloga Dr.^a Paula Gunzburg, trata-se de um duplo enterramento, um adulto e um feto/ou criança recém nascida.

O espólio funerário era constituído por:

- fragmentos de um objecto de ferro, muito alterado;
- alguns, raros, fragmentos de cerâmica.

Poderá ainda existir um terceiro enterramento na extremidade Este da estrutura, já fora dos seus limites (U.E.6). A confirmar-se, tratar-se-á de um terceiro tipo de ritual uma vez que não aparecem quaisquer pedras mas apenas uma grande mancha negra, ovalada. Neste local (ainda em escavação) apareceram ossos humanos, um fragmento de ferro, fragmentos de cerâmica e um fragmento de vidro de um anforisco ou *alabastron* (com paralelos atribuíveis aos sécs. VII-VI a.C.).

A observação superficial da necrópole permite admitir que, em algumas áreas, existam eventuais estruturas de planta mais ou menos quadrangular que poderão, por hipótese, corresponder a outros enterramentos. Por outro lado, a extensão e densidade de pedras na área central, permite supor a existência de vários enterramentos os quais, tendo em conta os dois enterramentos identificados até ao momento, poderão apresentar diferentes tipos de sepulturas. Aparentemente, mantém-se o mesmo tipo básico de ritual funerário, a cremação.

Note-se que, nas áreas periféricas da estrutura, continuam a aparecer, à superfície, fragmentos de ossos humanos e materiais arqueológicos.

Os fragmentos de cerâmica que se encontram superficialmente poderão corresponder a oferendas depositadas, posteriormente, nas sepulturas tal como se verificou em Medellín (Almagro Gorbea, 1991, p.161) ou à destruição, pelos trabalhos agrícolas, de alguns dos enterramentos mais superficiais.

O nosso objectivo fundamental nas futuras intervenções tem em vista o conhecimento das características próprias da necrópole:

- Escavação em área da estrutura pétreia de modo a obter-se a sua planta geral. Pelas sondagens realizadas na última campanha calcula-se que falem abrir cerca de 210 m².
- Localização dos enterramentos e sua distribuição espacial.
- Identificação dos diferentes tipos de enterramentos.
- Identificação do local, ou locais, de cremação dos cadáveres.
- Determinação da relação espacial entre os menires e a necrópole.

4- As conclusões possíveis

Apesar da evidente relevância deste conjunto para o estudo da Idade do Ferro regional, as limitações financeiras têm vindo a dificultar seriamente as investigações. Mesmo assim, as curtas campanhas realizadas permitem-nos colocar algumas hipóteses interpretativas, deixando, naturalmente, muitas questões ainda em aberto.

Em primeiro lugar, é importante ter em conta a inexistência de paralelos claros para o conjunto do Monte da Tera, em que uma necrópole da Idade do Ferro aparece associada a monólitos morfologicamente afins dos menires pré-históricos, levantando interrogações que a investigação sobre ambos os temas não tinha, até agora, sequer formulado.

No entanto note-se que se conhecem algumas situações em que se verifica, na Península Ibérica, a prática de assinalar enterramentos de incineração, da Idade do Ferro, com estelas alinhadas em fiadas como acontece, por exemplo, na necrópole de La Osera (Ciudad Real) (Aguilera Gamboa, 1916), e como poderão ser os casos, eventualmente, do “recinto megalítico” de S. Cristóvão (Resende) ou do pequeno alinhamento de menires descoberto por Berrocal Rangel, nas proximidades do povoado sidérico de Cantamento de Pepina (Fregenal de la Sierra).

Uma outra situação, certamente distinta, é a da relação entre o menir da Belhoa e a necrópole da 1 Idade do Ferro escavada por M. Varela Gomes nas proximidades ou ainda a relativa contiguidade entre a necrópole sidérica das Casas e alguns pequenos menires, ainda inéditos, descobertos nas imediações.

Por último, assinale-se que também no caso do recinto megalítico e do menor do Tojal, que constituem o tema da próxima comunicação, foram encontrados materiais da Idade do Ferro em associação espacial com os monumentos pré-históricos.

Fora do contexto geográfico peninsular, é de referir a extraordinária semelhança entre o conjunto de Pavia e o sítio de Fossa, na Itália Central, onde numa necrópole de inumação, da 1 Idade do Ferro, aparecem alinhamentos de 9, 10 menires, com tamanhos decrescentes, apontando para *tumuli* funerários.

Por outro lado, o contexto eminentemente megalítico, com várias antas e sepulturas a escassas centenas de metros do monumento em estudo e, sobretudo, um recinto megalítico, constituído por menires morfologicamente distintos, a cerca de 2 km (cromeleque do Monte das Figueiras), coloca-nos algumas dúvidas sobre a cronologia, ou cronologias, deste monumento.

No estado actual da investigação apenas podemos constatar que existe uma inequívoca associação entre os menires e a necrópole. No entanto, duas hipóteses são possíveis:

HIPÓTESE A Os menires são pré-históricos e foram reutilizados na Idade do Ferro. A reutilização de menires pré-históricos, parece ter alguns paralelos no Bronze final e na Idade do Ferro, tanto no caso de algumas das chamadas estelas do Sudoeste como de estátuas-menires.

A reutilização poderia dizer respeito apenas aos menires, reorganizados na Idade do Ferro de uma forma distinta da original ou ao próprio alinhamento (Sector 1) e à estrutura em que se integrariam os restantes monólitos (Sector 2); nesta última variante, a necrópole teria apenas aproveitado o espaço demarcado pelo monumento (ou monumentos) preexistentes.

HIPÓTESE B Os menires são contemporâneos da necrópole. Neste caso, estaríamos apenas perante a reutilização de um espaço ritual pré-histórico, onde os monumentos neolíticos (antas, sepulturas, cromeleque) não podem ter passado despercebidos e terão eventualmente sido reinterpretados e integrados num espaço funerário que se “inspirou” na monumentalidade preexistente.

A confirmação de uma destas hipóteses passa, naturalmente, pelo estudo integral da necrópole, de modo a compreender-se a sua relação espacial com os menires, assim como pela revisão de alguma da informação respeitante aos menires, cuja cronologia pré-histórica não suscitava, até agora, grandes hesitações.

Por outro lado, para além da descodificação da morfologia original do monumento, importa agora afinar cronologias e abordar as diversas questões rituais e sociais relacionadas com as práticas funerárias detectadas.

Note-se que a I Idade do Ferro no Alentejo Central se tem vindo a revelar, nos últimos tempos, um fenómeno de uma intensidade insuspeitada, particularmente na sequência dos trabalhos do Alqueva e não só, embora, até agora, a informação coligida se reporte, quase exclusivamente, a sítios de habitat; a “invisibilidade” deste tipo de necrópoles na paisagem é, naturalmente, o principal factor desta escassez, o que reforça a importância do estudo da necrópole da Tera que, se não fosse a presença dos menires, seria muito dificilmente detectável.



FIG. 1 – Localização da área de Pavia na Península Ibérica.

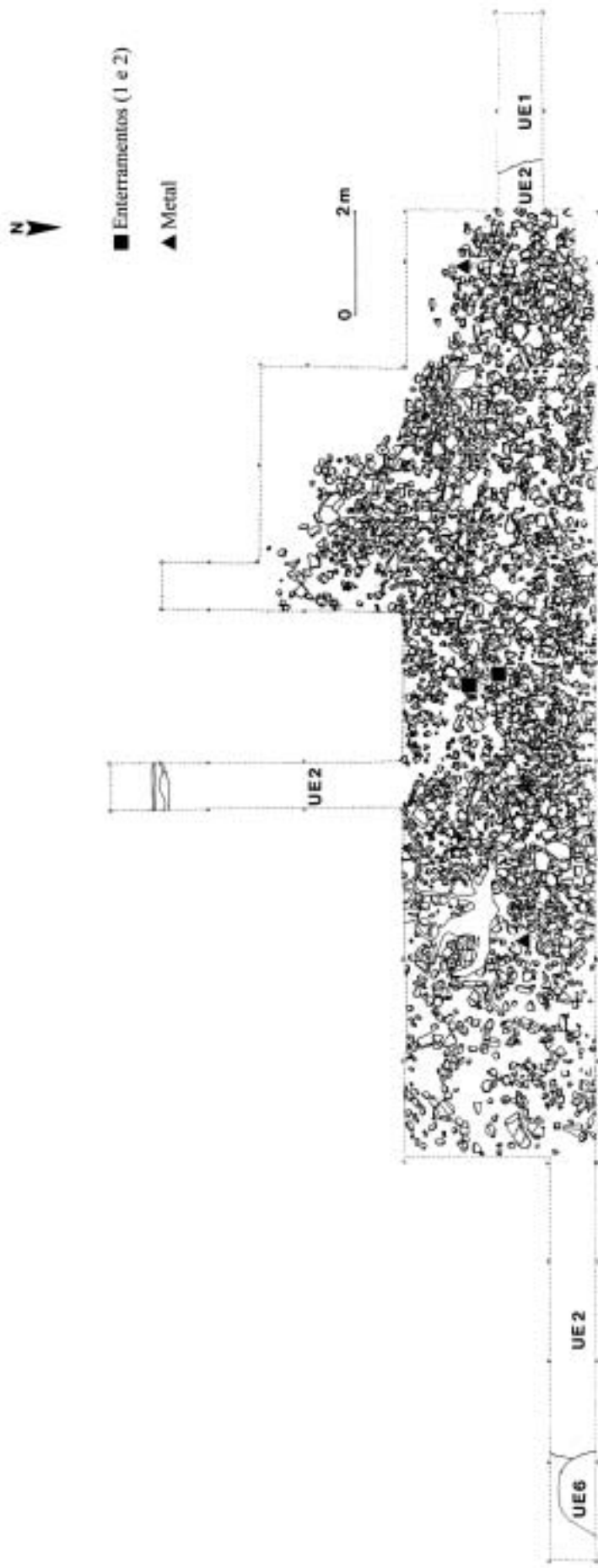


FIG. 2 – Monumento megalítico do Monte da Tera. Sector 2. Planta geral. Vista da U.E.2.



FIG. 3 – Enterramento I: aspecto inicial.



FIG. 4 – Enterramento I: pormenor de uma das urnas.



FIG. 5 – Enterramento 2: aspecto inicial.



NOTA

* IPA - Extensão de Silves; Investigadora da UNIARQ (FLL); Doutoranda na FLL.

BIBLIOGRAPHIE

- AGUILERA GAMBOA, J.L. (1916) - *Páginas de la História Pátria por mis excavaciones arqueológicas*. T.III. Madrid: Museo Arqueológico Nacional (Inédito).
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) - El período orientalizante en Extremadura. In *La Cultura Tartésica y Extremadura*. Mérida.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1991) - La necrópolis de Medellín. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 159-173.
- BEIRÃO, C.M. (1986) - *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1^{er} Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; PISCO, M. (no prelo) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. Com. apresentada ao *Congresso de Proto-história Europeia* (Guimarães, 1999).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. História e Património*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, M. C.; GARCÍA BLANCO, J. (1991) - “La Tabla de las Cañas” (Capilla, Badajoz). Apuntes preliminares. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 235-245.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.-J. (1991) - Los restos de la necrópolis de la desembocadura del río Aljucén dentro del contexto orientalizante extremeño. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 175-183.
- FABIÃO, C. (1992) - O passado proto-histórico e romano. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal - Antes de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, p. 76-201.
- GARCÍA-HOZ ROSALES, M. C.; ÁLVAREZ ROJAS, A. (1991) - El Torrejón de Abajo. Cáceres). *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 199-209.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. (1991) - Las necrópolis del poblado de Villasviejas (Cáceres). *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 255-267.
- ONGIL VALENTÍN, M.^a I. (1991) - Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres). El poblado (1985-1990). *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 2, p. 247-253.
- ROCHA, L. (1997) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). In *II Congreso Peninsular de Arqueología Peninsular. Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 221-228.
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (1999) - Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 71-94.
- ROCHA, L. (2000) - O alinhamento da Têra, Pavia (Mora). Resultados da 1^a Campanha (1996). In *Muitas antas, pouca gente? - Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 16), p. 183-194.
- ROCHA, L. (2000) - O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera - Pavia (Portugal). In *Actas do 3^o Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. III. “Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica”*. Porto: ADECAP, p. 521-527.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M.; GALÁN DOMINGO, E. (1991) - Las estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 48, p. 257-273.
- SERRÃO, E.C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão*. Setúbal: Junta Distrital.

Análise osteológica do enterramento 1

■ CIDÁLIA DUARTE¹ ■

Restos humanos contidos nas embalagens com etiqueta “Altera 99, enterramento 1”

1. fragmento de rádio (extremidade proximal)
2. 2 fragmentos de costela
3. 6 fragmentos de vértebras
4. 6 fragmentos de úmero
5. fragmentos de calote craniana

Os restantes ossos, embora identificáveis como humanos, não permitem uma definição mais específica. No entanto, de todos os ossos identificáveis, não se constata a presença de mais do que um indivíduo, podendo tratar-se de uma incineração individual.

Os fragmentos ósseos têm dimensões variáveis, sendo algumas bastante reduzidos, apresentando todos sinais de combustão.

> *Restos humanos contidos nas embalagens com etiqueta “Altera 99, pote 2”*

Para além dos ossos identificados como pertencentes ao enterramento #1, existem uma série de ossos designados com a etiqueta “interior do pote 2”, “associado ao enterramento 1, interior do pote 2”, que agrupámos na categoria “Pote 2”.

1. fragmentos de um úmero adulto
2. fragmentos de costela
3. 4 fragmentos de raízes de dente uniradicular
4. 2 fragmentos de íliaco
5. fragmento de maxilar inferior
6. fragmento de falange proximal do dígito I do pé
7. fragmento de omoplata
8. fragmentos de calote craniana
9. fragmento de astrágalo
10. fragmentos de vértebra
11. fragmentos de osso longo
12. fragmento de omoplata
13. fragmentos de rádio e cúbito
14. 3 raízes de dentes uniradiculares
15. 4 fragmentos de ossos do carpo

Tal como no caso do “enterramento 1”, os elementos ósseos assinalados como pote 2 não indiciam a presença de mais do que um indivíduo, nem se sobrepõem em número ao enterramento 1, podendo mesmo tratar-se do mesmo indivíduo.

¹ CIPA (IPA - LISBOA)

